

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM MASSA E O BIOPODER COMO FORMAS DE CONTROLE SOCIAL

Rosival Jaques MOLINA¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo demonstrar que a tecnologia dos meios de comunicação, mais especificamente a televisão, bem como o biopoder, são fortes instrumentos de dominação humana, uma vez que se constituíram em novos meios de opressão, formadores de opinião. A tecnologia dos meios de comunicação por se aproveitar do vazio interior comum nos dias de hoje, estimulando a passividade e abrindo espaço para a manipulação da opinião das pessoas. Podemos apontar a ofensa à liberdade de pensamento e ao direito de informação. A primeira deve ser entendida como o direito de cada pessoa de professar quaisquer crenças ou valores morais, ou seja, o direito de acreditar naquilo que aceita como verdadeiro de acordo com as suas próprias convicções; e a péssima qualidade das informações e programas veiculados pela mídia ofende o direito de informação, que corresponde ao direito de informar e de ser informado através da transmissão e recepção de notícias e não opiniões. O biopoder, por se tratar de uma forma de governo da conduta humana, poder sobre a vida, que é exercido sobre a população, com a mesma finalidade. Trata-se de duas novas tecnologias a serviço do capitalismo.

Palavras Chave: direito à informação, liberdade de pensamento, biopoder.

1. Introdução

O mundo contemporâneo pode ser caracterizado como a era do desenvolvimento da tecnologia, especialmente a evolução dos meios de comunicação, a biotecnologia, a bioética, etc. O homem é surpreendido todos os dias por novos produtos e fenômenos capazes não só de facilitar e agilizar, mas até mesmo de criar a vida.

Concomitante a este contexto surge, também, o biopoder, a partir do século XVIII, que apresenta-se como um procedimento estatal voltado as preocupações com os aspectos da vida biológica da população, impondo normas relacionadas com a assistência e com a seguridade, na medida em que visa a resolução de problemas

¹ Mestrando pelo Programa “Teoria do Direito e do Estado” do Centro Universitário “Eurípides de Marília” - UNIVEM

científicos relacionados à população, tais como: natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração.

A princípio, nos parece tratar-se de medida extremamente positiva para o desenvolvimento da população; no entanto, os primeiros questionamentos surgem na medida em que percebemos constituir-se instrumento necessário ao desenvolvimento do capitalismo e que tem como principal finalidade otimizar as forças de trabalho.

Desta forma, fica demonstrado que a tecnologia dos meios de comunicação, mais especificamente a televisão, bem como o biopoder, implementado através do controle biológico da população são fortes instrumentos de dominação humana, uma vez que se constituíram em novos meios de opressão, formadores de opinião.

A tecnologia dos meios de comunicação por se aproveitar do vazio interior comum nos dias de hoje, estimulando a passividade do indivíduo e abrindo espaço para a manipulação da opinião das pessoas; o biopoder, por se tratar de procedimentos de controle social de natureza biológica, exercido pelo governo através de medicamentos, centros de tratamento e recuperação, repartições de avaliação e preparação do indivíduo, ou seja mecanismos que promovem a elevação do rendimento e aproveitamento físico, um poder sobre a vida, que contempla toda a população, com a mesma finalidade. Trata-se de duas novas tecnologias a serviço do desenvolvimento do capitalismo.

2. O declínio do espaço público e a nova tecnologia do biopoder segundo Michel Foucault como mecanismos de desenvolvimento do capitalismo.

Vivemos numa época em que alguns valores e objetivos que eram desenvolvidos na sociedade mais antiga estão se perdendo, na medida em que outros começam a surgir. Trata-se de um estado de transição que contribui muito para o sucesso da exploração da mídia sobre a vida privada.

No passado, existia uma separação muito clara entre o espaço público e o espaço privado que era ocupado pelos homens. Podemos citar como exemplo, os romanos, cuja experiência pública estava diretamente relacionada à formação da ordem social.

Segundo Richard Sennett (1998), no século XVII, espaço público significava aquilo que estava aberto a observação de qualquer pessoa. Nesse espaço, o homem era considerado como cidadão e entrava em contato com diferentes grupos sociais, diariamente, na execução das atividades relativas à vida urbana. Ao contrário, espaço privado significava uma região protegida da vida, englobando a família e os amigos, a sua intimidade pessoal.

Com a queda do Antigo Regime, ocorreu a formação de uma nova cultura, agora, urbana e individualista enaltecida pelo sistema capitalista. Desta forma, a vida pública, começou a perder o sentido, esvaziou-se, dando lugar à vida privada, à intimidade. O que passou a ter importância para os homens era sua relação consigo mesmo, ou seja seu aspecto sentimental e emocional.

Sennett (1998), faz uma abordagem histórica sobre a maneira como o declínio do espaço público vem ocorrendo, ao mesmo tempo em que se fortalece o espaço privado, o que contribui para o que ele chama de “sociedade intimista”. Seus estudos indicam que há uma busca do homem em tentar lidar com o sentido da sua própria história, analisando o seu passado, propondo o que deve ser feito hoje, em função do que se deseja para o amanhã.

Entre as diversas causas dessa valorização do individualismo, podemos citar também o capitalismo modernamente concebido, que enfatiza o mercado global e o uso das novas tecnologias apresentando novas formas de organização a todo o momento, alterando bruscamente as atitudes do indivíduo, vez que torna-se necessário acompanhar e suprir as evoluções de um mercado absolutamente dinâmico, gerador de novos comportamentos e de novas necessidades.

No entanto, conforme nos ensina Richard Sennett (1998), essa nova mentalidade que vem sendo desenvolvida dentro do mercado de trabalho reflete diretamente no comportamento da sociedade, por mais de uma razão. Em primeiro, essa política do lucro na modalidade “curto prazo” fundada pelo capitalismo moderno e adotada pelas grandes empresas, causa verdadeira corrosão do caráter pessoal, pois vai contra quaisquer ideais de confiança, lealdade e compromisso mútuo, além de significar a total falta de obrigação de comprometer-se ou sacrificar-se pelo bem comum.

É nesse contexto que a mídia explora o universo particular dos indivíduos, impondo valores de forma absolutamente unilateral (pois as pessoas apenas recebem as informações, não havendo interação) e invadindo a sua privacidade.

Outro elemento de domínio social a serviço do capitalismo instituído pelo Estado concentra-se na forma como exercita o controle biológico e físico sobre a população. Apresenta-se de forma este controle e sua finalidade, segundo Michel Foucault, em sua análise na questão do biopoder, principalmente, no quinto capítulo de “História da Sexualidade I: a vontade de saber”, e na obra “Em defesa da sociedade”, mais especificamente, na aula de 17 de março de 1976.

Logo de início, cumpre-nos comentar a existência de uma diferença essencial entre o que Foucault chama de poder disciplinar e o biopoder que pretendemos estudar. Aquele pode ser considerado um poder relacionado ao indivíduo em particular, que atua sobre o seu corpo, mediante treinamento individual. Este, por outro lado, atua sobre as populações e busca um equilíbrio global de forma massificada.

O primeiro poder instituído foi a soberania, através do contrato social. Para o filósofo iluminista Jean Jacques Rousseau, a sociedade civil surgiu a partir da instituição da propriedade que, aliada à agricultura e à metalurgia, possibilitou o acúmulo de riquezas que resultou na corrupção do caráter dos homens. Como solução a essa situação, propôs um modelo de Estado que resguardava os direitos das pessoas à igualdade, à liberdade e à autonomia, características básicas do seu modelo democrático.

A liberdade somente é possível a partir do momento em que há igualdade, o que deve ser garantido por todo e qualquer Estado. Nenhum sistema de Governo pode permitir que um indivíduo se torne tão rico a ponto de poder comprar alguém ou precisar se vender. Trata-se do pensamento pré-socialista de Rousseau. A autonomia existe na medida em que os homens são livres para decidirem sobre o seu próprio destino e adquirem o direito de criar as leis que regerão a sua conduta.

A coletividade jamais pode reprimir a individualidade, e aquela somente será legítima quando for instituída pelo consentimento, o que Rousseau entende como sendo a forma ideal do direito. Disto decorre o exercício da liberdade e, anulá-la, por qualquer motivo que seja, equivale a renunciar à condição de ser humano. Na coletividade ideal, todos devem se submeter a todos, de maneira que todos sejam livres e não necessitem de um soberano.

Aqui, o pacto social possui forma circular, ou seja, formam-se obrigações recíprocas. Assim, a coletividade é baseada numa promessa mútua, o que garante igualdade (as pessoas se comprometem mutuamente) e isonomia (todos se obrigam a cumprir o mesmo regulamento). Disto deriva um Estado subjugado à condição de súdito

e cidadão, dotado de direitos e proveniente do pacto, donde concluímos que o soberano foi criado para garantir os direitos e a vida dos seus súditos.

Contrariamente ao poder soberano, o poder disciplinar visa adestrar as pessoas, tem a função “de fabricar indivíduos, de reduzir suas diferenças a um modelo adequado” (SALGADO, 2004, p. 6). Hoje em dia, podemos contar com diversas instituições, tais como são as fábricas, oficinas, escolas e prisões que cumprem não só essa função, mas também, de vigiar e punir.

Podemos dizer, mesmo que de forma breve, uma vez que não é esse o nosso foco principal, que as conseqüências da implantação do poder disciplinar estão diretamente relacionadas aos interesses do capitalismo, uma vez que, além de aumentar a produtividade das fábricas e oficinas, a disciplina também estimula o desenvolvimento das aptidões na escola, desenvolvimento de pesquisas na área da saúde, de força no exército, etc.

A partir da segunda metade do século XVIII, esse poder disciplinar passou a ser complementado pelo biopoder passando, as duas espécies, a coexistirem ao mesmo tempo, no mesmo espaço, uma vez que “essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes” (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Enquanto o poder disciplinar incide sobre os corpos dos indivíduos, o biopoder é aplicado sobre suas vidas acarretando uma massificação, uma vez que não se aplica sobre os indivíduos isoladamente, mas sim, sobre a coletividade em geral, a população de um modo geral.

Essa nova tecnologia do poder é definida por Foucault como

um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos, constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 1999, p. 290).

Significa dizer que o biopoder visa a resolução de problemas científicos relacionados à população, sempre produzindo saber, concomitantemente, na medida em que envolve a investigação em diversas áreas, tais como a Biologia, Economia, Sociologia, Estatística, etc. Nesse sentido, Foucault nos ensina que é “da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é disso tudo que a biopolítica vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder” (1999, p. 282). Da mesma forma, impõe uma certa preocupação com a assistência e a segurança.

Trata-se de uma espécie de poder que se exerce sobre a própria vida das pessoas, incidindo não apenas na sua saúde, como nos pareceu quando iniciamos o estudo sobre o biopoder, mas também, sobre suas relações, pensamentos e sentimentos. Apesar de seu foco principal ser a medicina e suas disciplinas, ele também é marcado por um forte investimento político na vida das pessoas.

Agora, “o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir na maneira de viver, e no “como” da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para cortar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências” (FOUCAULT, 1999, p. 295).

Em resumo, podemos afirmar que o biopoder tem como objetivo controlar a vida ao invés de produzir comportamentos disciplinares constrangedores, como acontecia com o poder disciplinar. No entanto, apesar de tratar-se de forma mais branda, por não gerar violência física, ainda assim caracteriza-se como uma forma de controle que atende aos interesses do regime capitalista.

Isto porque, da mesma forma que os meios de comunicação de massa, o biopoder interfere no sentido da vida, no desejo, na criatividade e nos corpos das pessoas, como forma de regular a vida social com a finalidade de privilegiar o capital. O fato de parecer uma medida benéfica para a sociedade, uma vez que, aparentemente visa a melhoria da sua qualidade de vida, não descaracteriza a sua função de controle. É a dominação do capitalismo voltada para o interior do homem.

Voltando-se para o interior, o capitalismo pode explorar um mercado sem limites e se apropriar da vida no sentido mais literal. Através do biopoder, a tecnologia passa a ser utilizada, também, para possibilitar o crescimento e desenvolvimento com maior velocidade e eficiência dos sistemas biológicos, com o objetivo de “rivalizar com a curva de crescimento da era industrial produzindo materiais vivos num ritmo muito mais rápido que a natureza e, então, convertendo-os em uma cornucópia econômica” (RIFKIN, 1999, p. 27).

Enfim, o biopoder nada mais é do que uma nova tecnologia empenhada em extrair da natureza o máximo possível e no menor espaço de tempo, com a finalidade de criar vidas mais adaptadas ao que o capital necessita.

No entanto, essa não é a única nova forma de controle do homem aplicada atualmente. Também podemos contar com os meios de comunicação de massa, conhecidos como “quarto poder”, cuja função social foi drasticamente distorcida e, hoje, ao invés de proporcionar cultura, lazer e informação, são reconhecidos como mais um mecanismo de controle, na medida em que seu conteúdo é manipulado e são formadores de opinião, no cenário de uma sociedade corrompida pelo capitalismo onde o homem perde cada vez mais seus valores. É o que veremos a seguir.

3. Os meios e comunicação de massa, em meio à sociedade capitalista: mais uma forma de controle social gerada pela ofensa à liberdade de pensamento e ao direito de informação.

Apesar de a sociedade ocidental contemporânea encontrar-se numa fase de reversão de padrões e valores, o que faz com que os homens não consigam afirmar o que são de fato, ou o que devem ser, ocasionando uma constante busca de si mesmo, essa espécie de conflito interior não é um privilégio da atualidade.

Em décadas anteriores, o homem já sofreu outros processos de amadurecimento interior, busca de si mesmo e de melhora na relação com o outro. No entanto, o problema fundamental do homem da metade do século XX, pode ser apontado como o “vazio”. Significa que as pessoas não só ignoram o que querem, mas também não são capazes de entender o que sentem em relação aos seus próprios desejos e necessidades. Isto faz com que sejam apenas espelhos, refletindo as expectativas dos outros.

As incertezas da época, bem como as guerras, as transformações econômicas e as poucas previsões concretas para o futuro são alguns dos fatores que contribuem para essa realidade de insegurança. No entanto, não podem ser apontados como os únicos agentes agravantes, pois há muitos dados sociológicos indicando que o problema do vazio interior do homem moderno tem surgido e ampliado de diferentes maneiras pela nossa sociedade.

Conseqüências diretas da difusão desse vazio são o aumento do uso de entorpecentes, principalmente pelos jovens, e o aparecimento de um sentimento profundo de desespero e futilidade, tendo em vista que o ser humano não está preparado para viver muito tempo no “vácuo”, de forma que, se não estiver progredindo, tende a potencializar suas energias em atividades destrutivas.

Além disso, a sensação de vazio causada pela idéia de incapacidade de fazer ou produzir algo de forma eficaz, faz reforçar a futilidade. Erich Fromm defende que, desta forma, as pessoas deixam de viver sob a autoridade da igreja ou de suas próprias convicções, passando a respeitar autoridades anônimas, como é a opinião pública.

Assim, cada pessoa que compõe esse público reúne-se diante da imagem do outro com a finalidade de descobrir o que os outros esperam de cada um deles. É nesse contexto que a mídia consegue explorar de forma intensificada, a vida privada e a intimidade das pessoas.

Outra característica que pode ser apontada no homem moderno é o medo da solidão, que está diretamente ligada à sensação de vazio já comentada. Isto porque, na medida em que a pessoa não tem consciência dos seus desejos, sentimentos e convicções, é natural que procure outra pessoa, ou até mesmo a multidão, como forma de tentar encontrar tais respostas ou, ao menos, diminuir o nível da ansiedade por não saber o que quer.

Todos esses sentimentos experimentados pelo homem demonstram a necessidade e o valor que é atribuído à aceitação social. Desta forma, as pessoas buscam sempre provar que são êxitos sociais. Se a pessoa é exaltada, estimada ou aceita em determinado grupo, é um sucesso, pois nunca está só.

Desta forma, abre-se também a possibilidade de redução, e não do desenvolvimento da vida interior, considerando que os meios de comunicação aproveitam-se desse esvaziamento para gerar situações de sonho, humor, agressividade, apropriam-se das angústias e desejos dos homens, como se estivessem no lugar de quem deveria viver tais sentimentos.

Daqui despontam as características da vida privada adotada pelo homem ocidental contemporâneo: dificuldade de representar a si mesmo; necessidade de autoafirmação da própria imagem perante os outros; supervalorização do individualismo pautado numa cultura sem fundamento, etc. A filósofa Hannah Arendt nos ajuda a pensar que se trata de uma época em que a personalidade, a singularidade e a subjetividade confundem-se com o narcisismo e com o egocentrismo.

É necessário considerar que os padrões sociais mudaram em todos os sentidos ao longo dos anos, de forma que o homem passou a alcançar sua independência e assumir a sua individualidade cada vez mais cedo, em geral por estudar ou trabalhar longe da família, algo que não ocorria há algumas décadas atrás. Antigamente, homem e mulher desvinculavam-se do seio da família somente após o casamento.

Não haveria nenhum problema nisso se o espaço público estivesse sendo conservado. No entanto, ao separar-se da família e deparar-se com o declínio daquele espaço, os homens tendem a sentir-se inseguros e, muitas vezes, a perder suas referências, que, na maioria das vezes provém, da convivência com outros homens em sociedade e da própria família.

Desta forma, o declínio do espaço público acarreta a conseqüente

supervalorização do indivíduo e sua intimidade, produz uma perplexidade que reflete a perda de sentido da história social humana, para a grande maioria das pessoas. Frente à irracionalidade do indivíduo em si mesmo, fechado na intimidade de seu espaço privado,

incapaz de produzir sentido para a sua existência na relação com outros indivíduos e com o mundo (IENO NETO, 2002).

Em resumo, o que o homem moderno busca é o reconhecimento da sua própria subjetividade pelo outro e, neste ponto, a grande questão que se aponta é a forma como ela está sendo construída: nos moldes das relações produzidas pela mídia. Isto porque

quanto mais exterminável e publicizável for o que outrora era tido como íntimo, privado e pessoal, mais reconhecimento se obtém, e é apenas este tipo de reconhecimento que pode conferir-nos uma sensação mínima de identidade, íntima e fugidia, como qualquer outro produto da mídia, em uma sociedade das imagens e de consumo (BENEDIKT, 2001, p. 271)

Assim, percebemos que cada vez mais o homem precisa ser reconhecido pelos meios de comunicação de massa, como forma de mostrar-se aos outros, para sentir a segurança de que mantém a consciência de si mesmo. No momento em que se revela capaz de consumir, além de bens, produtos e serviços, mas, também, regras de comportamento, opiniões e atitudes da forma como são veiculadas pelos meios de comunicação de massa é que o homem conseguirá ser visto como um outro.

O fato é que a supervalorização do individualismo, iniciada ainda na antiguidade, atingiu vultos surpreendentes, ocasionando a crescente valorização da vida privada. No entanto, o homem, na busca de si mesmo, acaba muitas vezes por não se encontrar, tendo em vista que seus valores, regras de convivência, etc, advinham da convivência no espaço público, que entrou em declínio, fazendo com que os indivíduos passem a buscar a si mesmos sem quaisquer parâmetros que os orientem.

E, neste ponto, podemos arriscar uma comparação entre o biopoder e os meios de comunicação de massa: ambos utilizam-se desse vazio que se tornou comum entre os homens para controlar seus pensamentos e atitudes e impor os valores necessários para a ascensão e manutenção do capitalismo.

Os meios de comunicação de massa exploram essa necessidade dos homens de exporem a sua intimidade e privacidade. Além dos comerciais, ainda desenvolvem programas como Big Brother, ciberdiários, máquina da verdade, etc, cuja popularidade reafirma o enfraquecimento da dimensão social do espaço público e demonstra de forma clara a maneira como está sendo desenvolvida a publicização do espaço privado, anteriormente caracterizado pelo resguardo da intimidade. Nesse contexto, podemos apontar a ofensa à liberdade de pensamento e ao direito de informação.

A liberdade de pensamento aqui mencionada deve ser entendida como o direito de cada pessoa de professar quaisquer crenças ou valores morais, ou seja, o direito de acreditar naquilo que aceita como verdadeiro de acordo com as suas próprias convicções.

A mídia, da forma como vem sendo desenvolvida, nem de longe respeita tal liberdade, tendo em vista que é um mecanismo de comunicação de massa formador de opinião, que a todo instante impõe a sua verdade, disseminando informações da forma e teor que mais lhe convém.

Desta forma, ofende-se toda e qualquer liberdade de cada um dos homens que compõem a sociedade, pois se não há liberdade suficiente para pensar e julgar, como se pode garantir a liberdade de ir, de vir, de ficar, de fazer ou não fazer? Quando se manipula a liberdade de pensamento, necessariamente as outras liberdades humanas são sacrificadas, o que representa manifesta ofensa à Constituição Federal de 1988.

Além disso, a péssima qualidade das informações e programas veiculados pela mídia ofende o direito de informação, que deve assegurar o direito de informar e de ser

informado através da transmissão e recepção de notícias e não opiniões, como vem ocorrendo, na medida em que a mídia habituou-se a manipular as informações de acordo com o seu interesse, deixando de veicular as informações verdadeiras de forma neutra.

Embora possa parecer tratar-se simplesmente de mera distorção de informações, tal manipulação também representa verdadeira ofensa ao Estado Democrático de Direito, tendo em vista que a qualidade das informações reflete diretamente na formação da opinião, e não é possível que uma população mal informada exerça o sufrágio de forma consciente.

4. Conclusão

Por tudo o que foi exposto, tentamos transmitir a idéia de que a sociedade contemporânea vem se beneficiando sim, mas ao mesmo tempo, é explorada por novas tecnologias que avançam em velocidade cada vez maior, no nosso caso, especificamente, o biopoder e os meios de comunicação de massa.

As duas grandes semelhanças existentes entre o controle exercido pelo biopoder e os meios de comunicação de massa residem no fato de que esses poderes atingem toda a coletividade, pois tem como objetivo estabelecer padrões de comportamento e conduta entre a população, de forma geral e, também, por se tratarem de tecnologias a serviço do capitalismo, numa sociedade absolutamente convencida de que “time is money”.

Vale dizer, que essas novas tecnologias são novas formas de poder - seja o disciplinar, o biopoder ou os meios de comunicação de massa - que, juntos, são capazes de apoderarem-se da vida em sua totalidade, tanto nos aspectos orgânicos quanto biológicos, seja do corpo ou da população. Constituem uma espécie de norma que pode ser aplicada “tanto a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

No início, até pode ter havido uma certa resistência por parte das pessoas em aceitar tal controle. No entanto, as comodidades e benefícios dessas novas tecnologias logo seduziram uma grande parcela da população que acaba por se submeter à elas para poder gozar dos seus benefícios, tornando, cada vez mais, a vida uma mercadoria patenteável, no século da biotecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDIKT, Adriana. **Moralidade e responsabilidade em tempos sombrios.** Sociologias, Porto Alegre, ano 3, n.º6, jul/dez 2001, p. 266-279.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** no curso Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IENO NETO, Genaro. **O esvaziamento do espaço público – Sennet e Auge:** resenha. RBSE, v. 1, n.3, pp. 442-461, João Pessoa, GREM, dezembro de 2002.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Do contrato social.** Tradução de Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RIFKIN, Jeremy. **O século da biotecnologia.** São Paulo: Makron Books, 1999.

SALGADO, Eneida Desiree. **Sob os olhos do grande irmão:** a luta pela democracia na sociedade de controle. Disponível em [http:// www.scielo.br/scielo.php](http://www.scielo.br/scielo.php). Acesso em 10/08/2005.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter:** conseqüências pessoais dos trabalho no novo capitalismo. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **Autoridade.** São Paulo: Record, 2001.

_____. **O declínio do homem público.** As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.